

A VOCALIZAÇÃO DA LATERAL PALATAL NO NOROESTE PAULISTA

VOCALIZATION OF THE PALATAL LATERAL CONSONANT IN THE NORTHWEST OF SÃO PAULO STATE

Vitória Andrade MÜLLER¹
Márcia Cristina do CARMO²

Resumo: Este trabalho investiga o fenômeno variável denominado *vocalização da lateral palatal* na variedade do noroeste do estado de São Paulo. Podemos citar, como exemplos desse fenômeno, *te[λ]a ~ te[j]a*, *mu[λ]er ~ mu[j]er* e *o[λ]a ~ o[j]a*. A partir da Teoria da Variação e Mudança Linguística, também denominada Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008 [1972]), são utilizados 32 inquéritos com amostras de fala espontânea retirados do banco de dados Iboruna (Gonçalves, 2024 [2007]). Por meio da análise estatística realizada a partir do programa Goldvarb X, observou-se que, dos 1.427 dados levantados, foram detectadas 157 vocalizações, isto é, a vocalização ocorreu em 11% dos dados. Os resultados da análise indicam que a aplicação desse processo é influenciada, sobretudo, por informações extralinguísticas, apontando para o estigma social do processo na variedade do noroeste paulista.

Palavras-chave: Teoria e análise linguística; Variação e mudança linguística; Fonética e Fonologia; Vocalização da consoante lateral palatal.

Abstract: *This work investigates the variable phenomenon named vocalization of the palatal lateral consonant in the variety of the northwest of São Paulo State, e.g. te[λ]a ~ te[j]a ('tile'), mu[λ]er ~ mu[j]er ('woman') and o[λ]a ~ o[j]a ('look'). Based on the Theory of Linguistic Variation and Change, also called Variationist Sociolinguistics (Labov, 2008 [1972]), we analyze 32 interviews with spontaneous speech samples taken from the Iboruna database (Gonçalves, 2024 [2007]). With the statistical analysis conducted by the Goldvarb X program, we observed 157 occurrences of vocalization from the total of 1,427 words, i.e., vocalization occurred in 11% of the data. The results indicate that the application of this process is influenced, primarily, by extralinguistic information, demonstrating the social stigma of the process in the variety of São Paulo northwest.*

Keywords: *Linguistic Theory and Analysis; Linguistic Variation and Change; Phonetics and Phonology; Vocalization of the palatal lateral consonant.*

1 Introdução

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) discorre sobre a variação da lateral palatal [λ] na variedade do noroeste paulista. Assim, observa-se a possível

¹ Graduanda do curso de Licenciatura em Letras (Português/Inglês) da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). E-mail: vi.mullerr@gmail.com.

² Orientadora, docente adjunta vinculada ao Departamento de Estudos da Linguagem (DEEL) da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). E-mail: mccarmo@uepg.br.

ocorrência do fenômeno fonológico conhecido como *vocalização*, também denominado *iotização*, como em *fi[ʎ]ote ~ fi[j]ote* e *ve[ʎ]o ~ ve[j]o*.

A lateral palatal é o som produzido com o abaixamento do véu palatino e elevação da lâmina da língua em direção ao palato duro, ou seja, é o som produzido quando ocorre a obstrução da passagem de ar na região palatal. Desse modo, ocorre a passagem da corrente de ar pelas laterais da língua, como em *abe[ʎ]a* (Santos, 2012, p. 11).

Nos casos em que ocorre a *vocalização*, a consoante lateral palatal se torna uma vogal, de modo em que /ʎ/ é realizado foneticamente como [j], como em *abe[j]a*. Dessa forma, a vocalização pode ser definida como “fenômeno fonológico de alteração de uma consoante para vogal. [...] A vocalização da lateral palatal pode ser ilustrada na palavra *palha*, pronunciada como [ˈpaya]” (Cristófaros Silva, 2011, p. 220). Além desse caso, ocorre, na maioria das variedades do Português Brasileiro (daqui em diante, PB), a vocalização da lateral pós-vocálica, manifestada como um glide [w],³ como em *sal ~ sa[w]* (Cristófaros Silva, 2011).

Em sua obra *O dialeto caipira*, Amaral (2020 [1920]) identifica esse processo em vocábulos como *espa[j]ado* (*espalhado*), *ma[j]o* (*malho*), *mu[j]er* (*mulher*) e *fi[j]o* (*filho*) e, em seguida, compara-o ao fenômeno que ocorre no espanhol falado, por exemplo, em Cuba e na Argentina, em vocábulos como *ca[j]e* (‘rua’) e *caba[j]o* (‘cavalo’), e no francês europeu, como em *batá[j]e* (‘batalha’).

Este TCC é um desdobramento de uma pesquisa de Iniciação Científica (IC) intitulada “A vocalização da lateral palatal no interior paulista”, realizada no âmbito do Programa PIBIC/UEPG no período de 2019/2020. Este trabalho avança em relação à IC por considerar duas novas faixas etárias: de 26 a 35 anos e de 36 a 55 anos e, portanto, dobrando o número de inquiridos investigados, de 16 a 32, como será mais bem detalhado na seção 3, sobre material e métodos. Destaca-se, portanto, o ineditismo desta pesquisa no que tange à variedade do noroeste paulista.

Além do objetivo geral de analisar o fenômeno variável no noroeste paulista, o presente trabalho objetiva investigar se a variação: (i) é motivada por variáveis sociais, como *sexo/gênero*, *escolaridade* e *faixa etária*; (ii) consiste em um caso de variação

³ *Glide* pode ser definido como o “segmento que apresenta características articulatórias de uma vogal, mas que não pode ocupar a posição de *núcleo* de uma *sílaba*” (Cristófaros Silva, 2011, p. 127, grifos da autora), podendo se manifestar com características articulatórias de [j] ou [w].

estável ou mudança em progresso; e, por fim, (iii) é afetada por grupos de fatores linguísticos, como *tonicidade da sílaba*, *contexto precedente* e *contexto seguinte*.

A hipótese inicial do trabalho era a de que o fenômeno estudado estivesse mais presente no falar de informantes do sexo/gênero masculino,⁴ menos escolarizados (1º Ciclo do Ensino Fundamental) e mais velhos (faixa etária superior a 55 anos), devido à afirmação de Bagno (2007) de que esse processo é altamente estigmatizado no PB, como será apresentado mais adiante.

Como arcabouço teórico-metodológico, segue-se a Teoria da Variação e Mudança Linguística ou Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008 [1972]). O cópuz é composto por dados coletados das transcrições ortográficas e dos arquivos de áudio de 32 entrevistas retiradas do banco de dados Iboruna (Gonçalves, 2024 [2007]), resultado do projeto Amostra Linguística do Interior Paulista (daqui em diante, ALIP). Os 32 inquiridos dizem respeito à combinação dos seguintes perfis sociais: sexo/gênero (feminino e masculino), escolaridade (1º Ciclo do Ensino Fundamental e Ensino Superior) e faixa etária (de 16 a 25 anos, de 26 a 35 anos, de 36 a 55 e acima de 55 anos).

O presente artigo estrutura-se da seguinte forma: na seção 2, são elucidados a Teoria da Variação e Mudança Linguística (Labov, 2008 [1972]) e o fenômeno variável; na seção 3, são apresentados o cópuz da pesquisa, as variáveis dependente e independentes investigadas e os passos metodológicos seguidos; na seção 4, é feita a análise de dados; e, por fim, na seção 5, são feitas as considerações finais do trabalho, seguidas pelas referências bibliográficas e pelos apêndices.

2 Fundamentação teórica

Como arcabouço teórico, o presente trabalho segue a Teoria da Variação e Mudança Linguística (Labov, 2008 [1972]), apresentada na seção 2.1; trabalhos que descrevem a variável dependente, isto é, a vocalização da lateral palatal, mencionados na seção 2.2; e algumas análises do processo em outras variedades do PB, descritas na seção 2.3.

⁴ Já que a população feminina costuma evitar o uso de formas estigmatizadas socialmente (Labov, 2008 [1972]).

2.1 Teoria da Variação e Mudança Linguística

A Sociolinguística é a área da Linguística que estuda as relações entre a sociedade e as línguas encontradas nela, incluindo, em seu estudo, o papel da comunidade de fala. Labov (2008 [1972]) afirma que pode parecer uma redundância falar em *sociolinguística*, tendo em vista a inexistência de uma teoria ou prática linguística que não seja social. Segundo Labov (2008 [1972], p. 21),

não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto do passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo.

A Sociolinguística variacionista investiga, portanto, a estrutura e a evolução da língua dentro do contexto social da comunidade de fala, considerando as relações existentes entre variação linguística e estrutura social e empregando métodos quantitativos para estudar a influência de fatores externos (sociais) e internos (estruturais) na ocorrência de variação linguística (Labov, 2008 [1972]).

É de interesse sociolinguístico a análise do *vernáculo* do falante, definido por Labov (2008 [1972], p. 244) como “o estilo em que se presta o mínimo de atenção ao monitoramento da fala. A observação do vernáculo nos oferece os dados mais sistemáticos para a análise da estrutura linguística”.

O autor destaca, todavia, o *paradoxo do observador*: o objetivo de verificar como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas, enquanto o vernáculo do falante só pode ser captado por meio justamente de observação sistemática. Uma forma de se tentar superar o paradoxo, segundo o autor, é lançar mão de procedimentos que desviem a atenção do falante de tal forma que o vernáculo apareça, como, por exemplo, fazer perguntas que façam com que o falante reviva emoções fortes do passado, como algum risco de vida. Destaca-se, para tanto, a narrativa de experiência pessoal, a “mina de ouro que o pesquisador-sociolinguista procura. Ao narrar suas experiências pessoais mais envolventes, ao colocá-las no gênero narrativa, o informante desvencilha-se praticamente de qualquer preocupação com a forma” (Tarallo, 2003, p. 23).

Como objeto de estudos, a Sociolinguística apresenta a *heterogeneidade* ou

variação linguística, definida como o processo inerente às línguas por meio do qual duas ou mais formas podem ocorrer em um mesmo contexto e com o mesmo valor referencial/representacional, ou seja, com o mesmo significado (Coelho *et al.*, 2015). Nesse contexto, uma *variável* (dependente) pode ser definida como o conjunto de variantes, o qual ocupa o lugar da variação na gramática (Coelho *et al.*, 2015; Tarallo, 2003). Já a *variante* corresponde a cada forma que disputa pela expressão dessa variável ou, em outras palavras, às diferentes formas linguísticas que compõem essa variável (Coelho *et al.*, 2015; Tarallo, 2003).

A variação tem um papel crucial na mudança linguística e pode ser classificada como *mudança em progresso* ou *variação estável*. A mudança em progresso é identificada quando uma variante linguística apresenta um padrão de aumento ou diminuição de uso ao longo das gerações. Em contraste, a variação estável é caracterizada por um padrão curvilíneo, no qual a variante é mais comum em um grupo específico, como pessoas de faixa etária intermediária. Isso é evidenciado pelos estudos *em tempo real*, que comparam a forma como as pessoas falam em diferentes momentos, como uma década, uma geração ou cem anos depois, e pelos estudos *em tempo aparente*, utilizado nesta pesquisa, que supera as limitações de acesso a registros históricos, considerando amostras de falantes de diferentes idades falando em um único ponto no tempo (Meyerhoff, 2006, p. 127).

Para os propósitos específicos deste trabalho, convém apresentar, aqui, a categorização de regras linguísticas proposta por Labov (2003). As três regras propostas pelo autor consideram como um aspecto relevante a frequência com que cada uma delas é aplicada, sendo assim: (i) *categórica*, com frequência com que opera de 100% e nenhuma violação na fala natural; (ii) *semicategórica*, com frequência com que opera de 95% a 99% e violações raras e relatáveis; e, por fim, (iii) *variável*, com frequência com que opera de 5% a 95% e nenhuma violação por definição e não relatável (Labov, 2003, p. 243).

Como exemplo de variação no nível fonológico, Coelho *et al.* (2015, p. 25) apresentam a pronúncia de *palha* como *pa[j]ja*, *mulher* como *mul[j]jer*, *velha* como *ve[j]ja*, *folha* como *fo[j]ja* e *trabalho* como *traba[j]jo*, fenômeno que denominam *despalatalização*, que consiste na perda da palatalização, seguida pelo *iotacismo*, “evolução de um som para a vogal /i/ ou para a semivogal correspondente: *palia* > *paia*” (Coelho *et al.*, 2015, p. 25). Esse processo variável no noroeste paulista é o foco desta pesquisa e, portanto, passa a ser detalhado na próxima seção.

2.2 Vocalização variável da lateral palatal

O fenômeno variável denominado *vocalização da lateral palatal* é o processo que ocorre, no PB, quando a lateral palatal /ʎ/ (som produzido como resultado da obstrução da passagem de ar pela língua na região palatal) é realizada foneticamente como [j]. Sendo assim, a vocalização pode ser definida como um fenômeno fonético-fonológico de alteração de uma consoante para vogal (Cristófaró Silva, 2011), como em *mu[ʎ]er ~ mu[j]er*. Os segmentos [j],⁵ [ʎ] e [ʎ̥] são classificados por Cristófaró Silva (2005) como *alofones*⁶ da lateral palatal /ʎ/ no PB, ocorrendo em variação livre, sem causar mudança de significado e sem ser definida por contexto, como pode ser observado em *pa[j]a ~ pa[ʎ]a ~ pa[ʎ̥]a*.

Existem diversos fatores que ocasionam a vocalização da lateral palatal, sendo eles de ordem social e/ou linguística. Segundo Coelho *et al.* (2015, p. 25),

existe uma aproximação entre os pontos de articulação da palatal /ʎ/ (que na escrita representamos por <lh>) e da semivogal /y/, o que justifica linguisticamente essa variação. Assim, em certos contextos, o traço palatal passa a ser articulado como alveolar ou como uma semivogal.

A variação entre [ʎ] e [j] pode tornar duas palavras iguais, ocasionando a união de pares mínimos. Nesse sentido, passa a haver “duas palavras com significados diferentes cuja cadeia sonora [é] idêntica” (Cristófaró Silva, 2005, p. 126). Como exemplo desse processo, temos a palavra *afilhado*, que, por meio da vocalização da lateral palatal, torna-se “afiado”, ou a palavra “pilha”, que se torna “pia” (Santos, 2012).

Segundo Aguilera (1999, p. 158), esse processo é “um traço predominante na fala rural ou inculta que se expande por todas as regiões brasileiras”. Bagno (2007) apresenta esse processo como um dos mais estigmatizados no PB, sendo retratado no poema intitulado “Vício na fala”, de Oswald de Andrade (2003 [1924]):

Vício na fala
Para dizerem milho dizem mio
Para melhor dizem mió
Para pior pió

⁵ Representado por Cristófaró Silva (2005) como [y].

⁶ “Som que apresenta equivalência funcional com um ou mais sons, constituindo o conjunto de realizações de um mesmo fonema. [...] São também denominados *variantes* e podem ser classificados como alofones posicionais ou alofones livres” (Cristófaró Silva, 2011, p. 52-53, grifo da autora).

Para telha dizem teia
 Para telhado dizem teiado
 E vão fazendo telhados
 (Oswald de Andrade, 2003 [1924]).

Percebe-se que o autor utiliza, em sua obra, questões linguísticas que podem iniciar discussões sobre a norma padrão, a valorização/desvalorização de variedades e a construção de estereótipos linguísticos que, por conta desse parâmetro valorativo, sofrem estigmas sociais, como, por exemplo, o falar caipira (Coan; Freitag, 2011).

O preconceito linguístico é definido por Bagno (1999) como o julgamento negativo das formas de falar que não seguem a norma culta do português. O autor destaca que esse tipo de preconceito é amplamente aceito na sociedade, mesmo que seja uma forma de discriminação. Segundo o autor,

qualquer manifestação lingüística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito lingüístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente”, e não é raro a gente ouvir que “isso não é português” (Bagno, 1999, p. 40).

O autor argumenta que a norma culta do português é muitas vezes utilizada como uma ferramenta de exclusão social, valorizando apenas a forma de falar das elites e desvalorizando as falas de outros grupos, como as pessoas de classes sociais mais baixas ou de regiões periféricas. Porém, Bagno (1999) desmistifica várias crenças populares sobre a língua, como a ideia de que existe um português “certo” e um “errado”, explicando que todas as variações do português são legítimas e que a diversidade linguística é um processo natural.

2.3 Vocalização da lateral palatal em outras variedades do PB

Na variedade de Papagaios (MG), investigada por Santos (2012), observa-se que, em relação à análise de fatores estruturais, as vogais seguintes [+alta] e [-arredondada], como /i/, favorecem a realização vocalizada da consoante lateral palatal. Do mesmo modo, a análise de aspectos do item lexical mostrou que alguns itens frequentes no corpus, como *filho*, *mulher* e *filha* apresentavam maior tendência à vocalização (Santos, 2012, p. 64). Santos (2012) constata que, em relação à análise de fatores sociais, a *escolaridade* mostrou que o Ensino Fundamental favorece a variante vocalizada, com 29,1% de vocalização, ao passo que o Ensino Superior a

desfavorece, com 8,5% de vocalização. Já a análise da *faixa etária* mostrou que o grupo de 40 a 60 anos apresenta favorecimento fraco da variante [j], enquanto a faixa etária de 20 a 40 anos apresenta um desfavorecimento fraco dessa variante. Por fim, a análise do fator *gênero* mostrou que, quando cruzados com outros fatores, os dois gêneros apresentavam tendências opostas dentro das variáveis *faixa etária* e *escolaridade*, e ficaram patentes tendências relacionadas ao gênero que haviam sido neutralizadas por esses fatores (Santos, 2012, p. 70).

O trabalho de Karim e Karim (2015) mostra que a variante vocalizada na comunidade de Cáceres, no alto pantanal de Mato Grosso, é mais recorrente no grupo de homens mais velhos (59 a 91 anos), e não recorrente no falar das mulheres mais novas (42 a 51 anos). Os resultados apontaram que a população mais velha da comunidade tem uma fala marcada pela vocalização da lateral palatal e destacaram a relação dos fatores socioeconômicos e culturais para a conservação de traços do português popular (Karim; Karim, 2015).

Santos (2018), em sua dissertação *Variação na lateral palatal em falares alagoanos: despalatalização e semivocalização*, conclui que a variável *escolaridade* exerce grande influência, sendo que o processo é favorecido pelas pessoas de menor escolaridade. Sobre as faixas etárias, existe uma relação diretamente proporcional entre elas e a ocorrência de variação, em que o percentual aumenta em consequência do aumento das idades. Por fim, os resultados apontam o favorecimento do sexo/gênero masculino na semivocalização.

Assim como os estudos citados, esta pesquisa toma como base a Teoria da Variação e Mudança Linguística (Labov, 2008 [1972]) e analisa a vocalização da lateral palatal na variedade do noroeste paulista a partir dos passos metodológicos apresentados a seguir.

3 Material e métodos

Nesta seção, apresentamos a metodologia utilizada para o desenvolvimento do trabalho. A estrutura está organizada da seguinte forma: em 3.1, o *cópus* da pesquisa, detalhando o banco de dados Iboruna e as entrevistas analisadas; em 3.2, as variáveis investigadas, sendo elas sociais e linguísticas; e, por fim, em 3.3, os passos metodológicos utilizados durante a pesquisa.

3.1 C3rpus da pesquisa

Este trabalho apresenta, como c3rpus, 32 entrevistas do banco de dados Iboruna, resultado do Projeto ALIP. O banco de dados Iboruna (*Rio Preto*, em Tupi Guarani), com amostras coletadas entre os anos de 2004 e 2007 em sete cidades da regi3o noroeste de S3o Paulo, re3une contribui33es relevantes para a descri33o linguística de uma variedade do PB (Gonç3lves, 2019).

Com base no trabalho colaborativo de pesquisadores da Unesp de S3o Jos3 do Rio Preto, o Projeto ALIP objetivou tornar disponív3l, em meio eletr3nico, amostras de fala, coletadas em situa33es reais de uso, que facilitassem o processo de pesquisas em varia33o e mudanç3 linguística. O projeto fornece bases de dados operacionaliz3veis por meio de recursos computacionais, verificando a produtividade de express3es linguísticas e possibilitando estudos baseados em extensas amostras de dados efetivamente atestados, de modo a se obter subsídios para a elabora33o de gram3ticas, dicion3rios, material para o ensino de l3ngua, etc. (Gonç3lves, 2019).

O banco de dados 3 composto por dois tipos de amostra: (i) Amostra Censo ou Amostra Comunidade (AC), que cont3m 152 entrevistas coletadas a partir de perfis sociais previamente definidos; e (ii) Amostra de Intera33o (AI), composta por 11 di3logos espont3neos registrados secretamente, sendo que cada informante deu seu consentimento ap3s a grava33o.

Em cada uma das entrevistas da AC, foram coletados cinco g3neros de cada informante, sendo eles: (i) narrativa de experi3ncia pessoal, envolvendo fatos reais vividos pelos pr3prios informantes; (ii) narrativa recontada de hist3rias ouvidas e que aconteceram com outras pessoas; (iii) descri33o de locais ou ambientes; (iv) relato de procedimentos, relacionado a atividades que seguem uma sequ3ncia organizada; e (v) relato de opini3o sobre diversos temas (Gonç3lves, 2019). Quanto a esses g3neros textuais/discursivos, os cinco listados foram considerados, mas n3o como vari3veis relevantes para o fen3meno investigado nesta pesquisa.

Com a utiliza33o do banco de dados, s3o analisadas, nesta pesquisa, 32 entrevistas da AC, resultantes da considera33o de dois sexos/g3neros (*masculino* e *feminino*), quatro faixas et3rias (*de 16 a 25 anos*, *de 26 a 35 anos*, *de 36 a 55 anos* e *acima de 55 anos*), duas escolaridades (*primeiro ciclo do Ensino Fundamental* e *Ensino Superior*) e duas rendas familiares (at3 5 sal3rios-m3nimos e de 6 a 10 sal3rios-m3nimos): $2 \times 4 \times 2 \times 2 = 32$. No entanto, n3o se considera, nesta pesquisa, a vari3vel

renda familiar, por, durante a coleta do banco de dados Iboruna, ter havido um afrouxamento deste grupo de fatores, por conta da dificuldade de se encontrar determinados perfis sociais, por exemplo, pessoas que têm baixa escolaridade (primeiro ciclo do Ensino Fundamental) e alta renda (até 25 salários mínimos), conforme afirma Gonçalves (2008).

3.2 Variáveis investigadas

Nesta seção, é feita a descrição das variáveis consideradas para a execução desta pesquisa, juntamente com a justificativa e as hipóteses iniciais a elas relacionadas.

Quanto à *variável dependente*, é investigada a aplicação ou não aplicação da vocalização da consoante lateral palatal na variedade do interior paulista, como em *bara[λ]o ~ baralj]o*.

No que diz respeito às *variáveis independentes* analisadas neste trabalho, são divididas em duas categorias, sendo elas: grupos de fatores internos (linguísticos) e externos (sociais). Com o objetivo de investigar se a ocorrência da variação é influenciada por fatores linguísticos, foi realizada a análise de três grupos de fatores:

- ❖ *Tonicidade da sílaba*:
 - Pretônica: *fi. lho. ti. nhos* [BDI – AC-086; L. 601];⁷
 - Tônicas: *tra. ba. lhar* [BDI – AC-061; L. 61];
 - Postônica: *ma. hi. lha* [BDI – AC-095; L. 80].
- ❖ *Contexto precedente*:
 - /a/: *atrapalhar* [BDI – AC-029; L. 49];
 - /i/: *maravilhosa* [BDI – AC-062; L. 253];
 - /u/: *orgulho* [BDI – AC-152; L. 280];
 - /e/: *vermelho* [BDI – AC-053; L. 311];
 - /ɛ/: *velha* [BDI – AC-063; L. 301];
 - /o/: *folha* [BDI – AC-117; L. 310];
 - /ɔ/: *olha* [BDI – AC-062; L. 45];

⁷ As normas para as notações dos exemplos extraídos do banco de dados Iboruna estão estabelecidas da seguinte forma: *BDI* identifica o banco de dados, *AC* indica o tipo de amostra, e *L* especifica a(s) linha(s) de onde a ocorrência foi retirada. Essas normas para notações estão disponíveis em: <https://alip.ibilce.unesp.br/citacoes-e-referencias>. Acesso em: 26 set. 2024.

- Pausa: *lhe* [BDI – AC-092; L. 149].
- ❖ *Contexto seguinte à lateral palatal:*
 - /a/: *trabalhava* [BDI – AC-063; L. 19];
 - /i/: *escolhi* [BDI – AC-087; L. 73];
 - /u/: *orelhudo* [BDI – AC-125; L. 28];
 - /e/: *detalhe* [BDI – AC-063; L. 444];
 - /ɛ/: *mulher* [BDI – AC-061; L. 60];
 - /o/: *conselho* [BDI – AC-149; L. 270];
 - /ɔ/: *melhor* [BDI – AC-088; L. 403].

Em relação aos grupos de fatores sociais, como explicado anteriormente, foram utilizadas, na análise, três variáveis:

- ❖ *Escolaridade (primeiro ciclo do Ensino Fundamental e Ensino Superior):* essa variável é analisada com o objetivo de investigar possíveis indícios de estigma social associados ao processo em questão;
- ❖ *Faixa etária (de 16 a 25 anos, de 26 a 35 anos, de 36 a 55 anos e acima de 55 anos):* o objetivo de analisar essa variável é identificar qual é o *status* da vocalização da lateral palatal na variedade estudada, tratando-se de uma variação estável ou de uma mudança em progresso; e
- ❖ *Sexo/gênero (masculino e feminino):* baseando-se em Labov (2008 [1972]), é comum que as mulheres se comuniquem se aproximando mais da forma de prestígio do que os homens da mesma classe social a que pertencem. No entanto, Coelho *et al.* (2015) apontam que se deve ter cautela em relação aos resultados dessa variável, pois os papéis feminino e masculino estão em constante transformação na sociedade.

Finalmente, cabe destacar que outras variáveis, como a presença de vogal alta na palavra ou a frequência do item lexical, não foram analisadas neste trabalho por conta de sua exequibilidade. Todavia, são variáveis passíveis de serem utilizadas em pesquisas futuras.

3.3 Passos metodológicos

Como *cópus*, são analisadas 32 entrevistas do banco de dados Iboruna, resultado do Projeto ALIP (Gonçalves, 2024 [2007]). Os inquiridos dizem respeito à combinação dos seguintes perfis sociais: sexo/gênero; faixa etária; e escolaridade.

Como passos metodológicos, houve a análise das transcrições ortográficas dos 32 inquiridos, selecionando os contextos investigados. Posteriormente, foi elaborada uma tabela, com a consideração das variáveis dependente e independentes investigadas. Em seguida, passou-se à análise de oitiva dos 32 arquivos de áudio e à análise estatística dos dados, por meio do programa GoldVarb X (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2020 [2005]).

Antes da apresentação dos resultados, cabe destacar que, na primeira rodada no programa estatístico, houve três nocautes, ou seja, a ocorrência de 0% ou 100% no resultado da rodada de alguma variável. Esses nocautes ocorreram nas seguintes variáveis: *tonicidade da sílaba*, *contexto precedente* e *contexto seguinte*.

O primeiro nocaute, ocorrido na tonicidade da sílaba, se deu pois nenhuma (0%) das 40 ocorrências do fator *sílaba pretônica*, como em *me[ʌ]orando*, apresentou vocalização. Dessa maneira, foram amalgamadas sílabas *pretônicas* e *postônicas*, englobando as duas em um fator só: *átonas*.

Em relação ao nocaute ocorrido em relação ao *contexto precedente*, foi observado no fator *pausa*, com apenas uma ocorrência sem vocalização:

“ele aparecia chorando... porque... ele tinha acreditado... em algo que:: em polí::tico 1[(tinha **lhe** dito)] 1[Doc.: hum::]... e depois aquilo num tinha se concretizado...” [BDI – AC-149; L. 91-93, grifo nosso].

Amalgamamos esse fator com a vogal baixa central /a/, por conta do contexto linguístico da ocorrência (*tinha **lhe** dito*) em que, foneticamente, não foi observada pausa.

Por fim, no que se refere ao nocaute ocorrido no contexto seguinte, houve apenas uma ocorrência de contexto seguinte /u/, sem aplicação da vocalização (0%):

“1[ele era] ele parecia o:: era um tipo d'um cachorro (assim)... a cabeça parece o/ aquele::bichinho Snoop daquele tipo do desenho animado né?... [Doc.: hum] ore**lhudo**... ele:: é amarelo... e o/ pescoço escuro...” [BDI – AC-125; L. 26-28, grifo nosso].

Nesse caso, decidiu-se amalgamar os fatores contexto precedente /u/ e /i/, pela justificativa de ambas serem vogais altas.

Após os amálgamas relatados, pôde-se prosseguir às rodadas finais, cujos resultados são expostos na próxima seção.

4 Análise dos dados

A tabela 1, exibida a seguir, mostra a distribuição geral das variantes [j] (aplicação da vocalização) e [ʎ] (não aplicação do processo) na amostra que foi utilizada nesta pesquisa.

Tabela 1 – Ocorrências gerais

	Ocorrências	Porcentagens
Aplicação	157	11%
Não aplicação	1.270	89%
Total	1.427	100%

Fonte: Elaboração própria

Como pode ser observado por meio da Tabela 1, a amostra teve um total de 1.427 ocorrências da variável (cf. Apêndice A). Desses casos, houve um total de 11% de aplicação de vocalização (157 ocorrências), como em *empare[j]ado*, e 89% de não aplicação (1.270 ocorrências), como em *espe[ʎ]o*. De certo modo, pode-se dizer que o processo é de baixa produtividade na variedade analisada, posto que apresenta frequência de somente 11%. No entanto, destaca-se que essa frequência indica que se trata de um processo que se encaixa na regra *variável* nos termos de Labov (2003), como exposto na seção 2.1.

Foram descartadas pelo programa estatístico as variáveis: (i) *tonicidade da sílaba*; e (ii) *contexto seguinte*.⁸ Já os grupos de fatores selecionados foram, em ordem

⁸ As porcentagens de aplicação da vocalização em relação à *tonicidade da sílaba* foram: 12,9% (78 de 606 ocorrências) para a sílaba *tônica*, como em *traba[j]ar*, e 9,6% (79 de 821 ocorrências) para sílabas *átonas*, como em *baru[j]o*. Em relação ao *contexto seguinte*, foram obtidas as seguintes taxas de vocalização: 13% (3 de 23) para vogais /i/ + /u/, como em *abe[j]inha*, 6,8% (33 de 482) para /o/, como em *o[j]ou*, 13,7% (85 de 622) para /a/, como em *o[j]a*, 10,8% (9 de 83) para /e/, como em *traba[j]ei*, 20,5% (18 de 88) para /ɔ/, como em *me[j]or*, e 7% (9 de 129) para /ɛ/, como em *mu[j]er*.

decrecente: (i) escolaridade; (ii) *sexo/gênero*; (iii) *faixa etária*; e (iv) *contexto precedente*, cujos resultados para cada fator passam, agora, a ser apresentados.⁹

Quanto à *escolaridade*, variável selecionada como a mais relevante para a vocalização da lateral palatal, os resultados obtidos são expostos na Tabela 2:

Tabela 2 – Ocorrências do processo em relação à *escolaridade*

	Ocorrências com aplicação	Ocorrências gerais	Porcentagens	Pesos relativos
Primeiro ciclo do Ensino Fundamental	154	566	27,2%	0.961
Ensino Superior	3	861	0,3%	0.109
Total	157	1.427	11%	

Input: 0.003

Significância: 0.014

Fonte: Elaboração própria

Como pode ser observado, a vocalização da lateral palatal é mais frequente (27,2%) e mais provável (peso relativo, daqui em diante PR, = 0.961) de ser realizada dentre os informantes menos escolarizados, que apresentam o primeiro ciclo do Ensino Fundamental. Já dentre os informantes mais escolarizados, o processo é de baixa aplicação (0,3%), sendo o Ensino Superior altamente desfavorecedor do processo, com PR = 0.109. Os vocábulos produzidos com aplicação por informantes com Ensino Superior foram: *o[j]ja* e *me[j]jor*, sendo o primeiro falado duas vezes pelo mesmo informante e o segundo falado apenas uma vez por outro informante.

De modo geral, esse resultado vai ao encontro de resultados vistos na variedade de Papagaios - MG, em que o percentual de variação diminui em consequência do aumento do grau de escolaridade, sendo este percentual de 29,1% de vocalização no grupo menos escolarizado, e 8,5% de vocalização no grupo mais escolarizado. Também vai ao encontro da variedade de Alagoas, em que o processo é favorecido pelas pessoas de menor escolaridade (Santos, 2012; Santos, 2018).

Já em relação ao *sexo/gênero*, a Tabela 3 apresenta os resultados fornecidos pelo programa estatístico:

⁹ Vale destacar que houve convergência na iteração 11.

Tabela 3 – Ocorrências do processo em relação ao *sexo/gênero*

	Ocorrências com aplicação	Ocorrências gerais	Porcentagens	Pesos relativos
Masculino	152	633	24%	0.915
Feminino	5	794	0,6%	0.131
Total	157	1.427	11%	

Input: 0.003

Significância: 0.014

Fonte: Elaboração própria

A tabela 3 mostra que o percentual de vocalização da lateral palatal é mais alto em informantes do sexo/gênero masculino, que apresenta 24% de vocalização (152 ocorrências do total de 633), com PR = 0.915, confirmando a hipótese inicial do trabalho no que concerne a essa variável. Por sua vez, no grupo de informantes do sexo/gênero feminino, houve apenas 0,6% de ocorrências de vocalização (5 ocorrências de 794), com PR = 0.131.

Novamente, há um indício de estigma social em relação ao fenômeno na variedade do noroeste paulista, pois, segundo Labov (2008 [1972]), é comum que as mulheres se comuniquem aderindo mais às convenções normativas do que os homens da mesma classe social a que pertencem, já que a população feminina tende a evitar as formas mais estigmatizadas socialmente.

Esse resultado se aproxima dos resultados vistos nas pesquisas realizadas em Alagoas (Santos, 2018) e em Cáceres, no alto pantanal de Mato Grosso (Karim; Karim, 2015), em que o sexo/gênero masculino é favorecedor da vocalização da lateral palatal.

Pelo fato de a *escolaridade* e o *sexo/gênero* terem sido selecionados as variáveis mais relevantes para a vocalização da lateral palatal no noroeste paulista e com seus resultados indicando estigma social na variedade estudada, conduziu-se o cruzamento dessas variáveis no programa estatístico (cf. Apêndice B):

Tabela 4 – Cruzamento das variáveis *sexo/gênero* e *escolaridade*

	Masculino			Feminino		
	Ocorrências com aplicação	Ocorrências gerais	Porcentagens	Ocorrências com aplicação	Ocorrências gerais	Porcentagens
Primeiro ciclo do Ensino Fundamental	149	297	50%	5	269	2%
Ensino Superior	3	336	1%	0	525	0%
Total	152	633	24%	5	794	1%

Fonte: Elaboração própria

Com o cruzamento das variáveis, verifica-se que, de fato, os homens menos escolarizados são os que mais aplicam a vocalização da lateral palatal, com 50%. Por sua vez, nenhuma (0%) mulher com Ensino Superior realizou o processo. Baixas porcentagens foram verificadas para os homens mais escolarizados (1%) e para as mulheres menos escolarizadas (2%). Com esses resultados, corrobora-se o indício de que a vocalização da lateral palatal é um processo estigmatizado socialmente na variedade estudada, assim como observado para outras variedades do PB.

Tabela 5 – Ocorrências do processo em relação à *faixa etária*

	Ocorrências com aplicação	Ocorrências gerais	Porcentagens	Pesos relativos
De 16 a 25 anos	2	208	1%	0.086
De 26 a 35 anos	122	601	20,3%	0.818
De 36 a 55 anos	8	249	3,2%	0.190
Acima de 55 anos	25	369	6,8%	0.467
Total	157	1.427	11%	

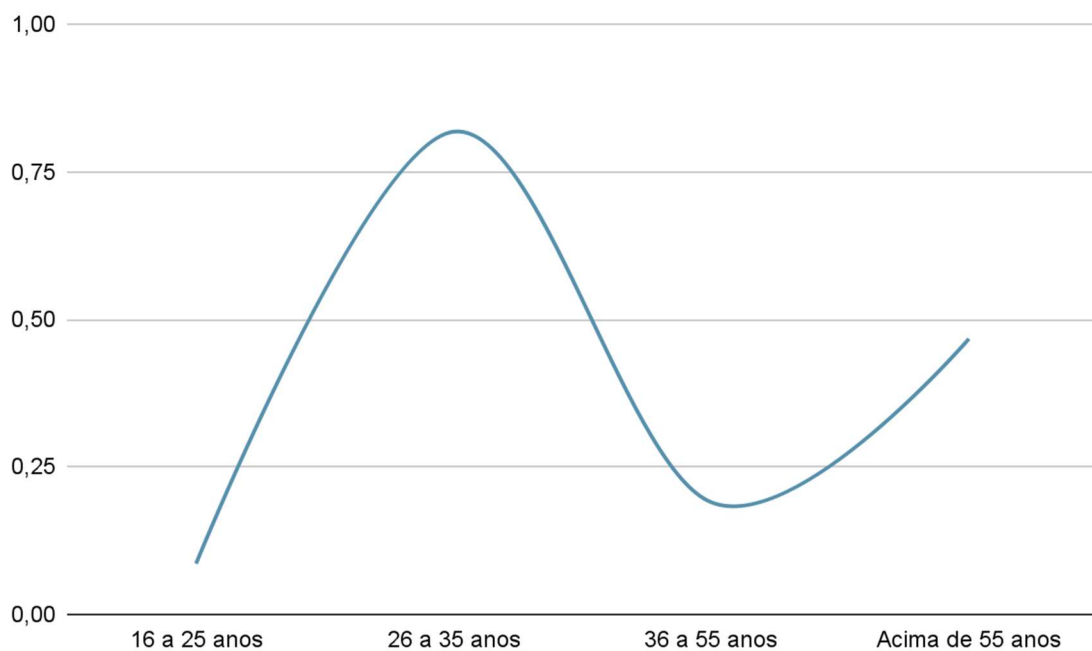
Input: 0.003

Significância: 0.014

Fonte: Elaboração própria

A tabela 5 mostra que a faixa etária mais jovem (de 16 a 25 anos) é a mais desfavorecedora da vocalização, com $PR = 0.086$. Já a faixa etária de 26 a 35 anos apresenta a maior probabilidade de ocorrência do fenômeno, com $PR = 0.818$. Por sua vez, a faixa etária de 36 a 55 anos mostra-se desfavorecedora da vocalização, com $PR = 0.190$. Por fim, a faixa etária mais velha mostra-se próxima ao ponto neutro, com $PR = 0.467$. Esses resultados podem ser mais detalhadamente observados no gráfico 1, exibido a seguir:

Gráfico 1 – Pesos relativos em relação à faixa etária



Fonte: Elaboração própria

Como mostra o gráfico, por meio deste estudo em tempo aparente, não se pode afirmar que a vocalização da lateral palatal no interior paulista corresponda a uma mudança em progresso. Seu padrão curvilíneo indica se tratar de um caso de variação estável, com aplicação presente, sobretudo, no falar de indivíduos de 26 a 35 anos e acima de 55 anos. Observa-se que, de 16 a 25 anos, as ocorrências têm uma probabilidade inicial baixa, de 26 a 35 anos, apresentam um aumento significativo, atingindo o pico, de 36 a 55 anos, acontece uma queda acentuada, e, por fim, na faixa acima de 55 anos, acontece uma recuperação parcial da probabilidade.

Relacionando essas faixas etárias aos momentos relativos à entrada e à saída do mercado de trabalho, atesta-se que o processo é evitado pela faixa etária

prototipicamente associada à entrada no mercado de trabalho (de 16 a 25 anos). Observa-se uma maior probabilidade de aplicação na faixa etária seguinte (de 26 a 35 anos), seguida pela faixa etária predominantemente atrelada à saída do mercado de trabalho, isto é, à aposentadoria (acima de 55 anos). Contudo, dentro desse período de mercado de trabalho ainda há uma onda, isto é, não existe um padrão claro.

Devido a isso, considera-se que houve uma concentração significativa de dados relacionados a um informante específico pertencente ao grupo etário de 26 a 35 anos. Essa concentração pode ter influenciado os resultados da pesquisa, uma vez que a predominância de ocorrências em um único participante pode refletir características individuais que não necessariamente representam a totalidade do grupo analisado.

Considerando esses resultados, futuramente, em uma extensão deste trabalho, poderá ser realizada uma nova rodada de análise, excluindo os dados desse informante específico, a fim de verificar se os resultados se mantêm consistentes ou apresentam alterações significativas e, devido a isso, uma padronização.

Finalmente, apresentam-se os resultados relativos ao *contexto precedente*, último grupo de fatores selecionado como relevante pelo programa Goldvarb X:

Tabela 6 – Ocorrências do processo em relação ao *contexto precedente*

	Ocorrências com aplicação	Ocorrências gerais	Porcentagens	Pesos relativos
Vogal /ɛ/	5	41	12,2%	0.740
Vogal /ɔ/	14	140	10%	0.635
Vogal /i/	32	288	11,1%	0.606
Vogal /a/ + pausa	59	434	13,6%	0.549
Vogal /e/	20	173	11,6%	0.442
Vogal /o/	17	217	7,8%	0.338
Vogal /u/	10	134	7,5%	0.255
Total	157	1.427	11%	

Input: 0.003

Significância: 0.014

Fonte: Elaboração própria

A Tabela 6 expõe os resultados referentes ao *contexto precedente*, única variável linguística selecionada como relevante pelo programa estatístico. Observa-se que a presença de uma vogal média-baixa anterior, como em *ve[j]a*, ou posterior, como em *o[j]a*, favorece a aplicação da vocalização, com PRs = 0.740 e 0.635, respectivamente. A vogal alta anterior /i/, como em *fi[j]o*, também se mostra favorecedora da vocalização, com PR = 0.606. Por sua vez, o fator vogal /a/ ou pausa, como em *bara[j]o* - resultante de amálgama devido a nocaute, como explicado anteriormente -, é levemente favorecedor da vocalização, com PR = 0.549, ao passo que a vogal média-alta anterior /e/, como em *ore[λ]a*, é levemente desfavorecedora, com PR = 0.442. Desfavorecem a vocalização as vogais precedentes média-alta posterior /o/, como em *mo[λ]o*, com PR = 0.338, e vogal alta posterior /u/, como em *agu[λ]a*, com PR = 0.255.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este TCC apresentou uma análise variacionista do fenômeno de vocalização da lateral palatal [λ] no português no noroeste paulista, como em *fo[λ]a ~ fo[j]a* e *me[λ]or ~ me[j]or*. Com a utilização de 32 entrevistas do banco de dados Iboruna (Gonçalves, 2024 [2007]) para a coleta de dados e da metodologia da Sociolinguística Variacionista, bem como do programa estatístico GoldVarb X, foram obtidos 1.427 dados, dos quais foram detectadas 157 vocalizações, correspondentes a 11%.

Os resultados deste trabalho, a partir da amostra utilizada, apontam que as variáveis sociais *sexo/gênero*, *escolaridade* e *faixa etária*, e a variável linguística *contexto precedente* são impulsionadoras para que a vocalização da lateral palatal ocorra, visto que os fatores favorecedores são o *sexo/gênero* masculino (PR = 0.915) e a *escolaridade* primeiro ciclo do Ensino Fundamental (PR = 0.961), confirmando nossas hipóteses e dando indícios de que o processo é estigmatizado socialmente na variedade estudada, assim como aponta Bagno (2007), que afirma que esse processo é altamente estigmatizado no PB. Já em relação à *faixa etária*, a favorecedora é a de 26 a 35 anos (PR = 0.818), a qual indica que o processo corresponde a um caso de *variação estável*, o que refuta a hipótese inicial deste TCC de que seria um processo em declínio, presente sobretudo na faixa etária mais avançada (superior a 55 anos).

Como a análise desse fenômeno é inédita no que tange à variedade do noroeste paulista, os resultados desta pesquisa permitiram: (i) a verificação de que a

vocalização da lateral palatal é um processo em variação estável no noroeste paulista; e (ii) a confirmação do estigma social que o processo sofre na variedade investigada. Espera-se que este TCC abra caminho para pesquisas futuras, aumentando o número dos dados e considerando outras variáveis e fatores para lapidar a descrição do fenômeno e o mapeamento sociolinguístico do noroeste paulista.

Referências

- AGUILERA, V. A. Um estudo geolingüístico da iotização no português brasileiro. *In: Português no Brasil: estudos fonéticos e fonológicos*. Londrina: Eduel, 1999.
- AMARAL, A. **O dialeto caipira**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2020 [1920].
- BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2007.
- BAGNO, M. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 1999.
- COAN, M.; FREITAG, R. M. K. Sociolinguística variacionista: pressupostos teórico-metodológicos e propostas de ensino. **Domínios de Linguagem**, v. 4, n. 2, p. 173-194, 27 fev. 2011.
- COELHO, I. L. *et al.* **Para conhecer Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.
- CRISTÓFARO SILVA, T. **Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2005.
- CRISTÓFARO SILVA, T. **Dicionário de Fonética e Fonologia**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- GONÇALVES, S. C. L. **Banco de dados Iboruna: amostras eletrônicas do português falado no interior paulista**. 2024 [2007]. Disponível em: <http://www.alip.ibilce.unesp.br>. Acesso em: 18 set. 2024.
- GONÇALVES, S. C. L. Projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista). *In: MAGALHÃES, J. S.; TRAVAGLIA, L. C. (Org.). Múltiplas perspectivas em Linguística*. 1. ed. Uberlândia: UFU, 2008, v. 1, p. 2726-2739.
- GONÇALVES, S. C. L. Projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista) e banco de dados Iboruna: 10 anos de contribuição com a descrição do português brasileiro. **Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)**, v. 48, n. 1, p. 276-297, 2019.
- KARIM, J. M.; KARIM, T. M. A vocalização da lateral palatal [ʎ]>[j] No Falar Da Comunidade De Cáceres No Alto Pantanal De Mato Grosso. **Revista Ecos**, v. 17, n. 2, 2015.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LABOV, W. Some sociolinguistic principles. **Sociolinguistics: the essential readings**. Oxford: Blackwell, p. 235-250, 2003.

MEYERHOFF, M. **Introducing sociolinguistics**. Londres: Routledge, 2006.

SANTOS, K. B. **Análise variacionista da vocalização da lateral palatal em Papagaios-MG**. 2012. 77 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

SANTOS, S. C. **Variação na lateral palatal em falares alagoanos: despalatalização e semivocalização**. 2018. 66 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Programa de Pós Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003.

APÊNDICE A

Vocábulo	Ocorrências com aplicação	Ocorrências totais
<i>abelhinha</i>	1	1
<i>acolhe</i>	0	2
<i>aconselha</i>	0	1
<i>aconselhar</i>	0	2
<i>aconselhável</i>	0	2
<i>afilhada</i>	0	1
<i>agulha</i>	0	6
<i>ajoelhado</i>	0	2
<i>alho</i>	0	13
<i>aparelho</i>	0	8
<i>atalha</i>	0	1
<i>atrapalha</i>	0	2
<i>atrapalhando</i>	0	1
<i>atrapalhar</i>	0	4
<i>atrapalhava</i>	0	1
<i>baralho</i>	11	15
<i>barulho</i>	1	16
<i>batalhão</i>	0	2
<i>batalhou</i>	0	1
<i>bilhar</i>	0	4
<i>bilhete</i>	0	1
<i>bilhetes</i>	0	2
<i>bolhas</i>	0	2
<i>borbulhar</i>	0	1
<i>brilha</i>	0	2
<i>brilhando</i>	0	1
<i>brilho</i>	0	1
<i>caralho</i>	0	1
<i>cartilha</i>	0	1
<i>cascalheira</i>	0	4
<i>chacoalhava</i>	0	1
<i>coelho</i>	1	2
<i>colhe</i>	0	1
<i>colheita</i>	0	2
<i>colher</i>	0	26
<i>colhêr</i>	1	1
<i>colherada</i>	0	1
<i>colheres</i>	0	12
<i>colherzinhas</i>	0	1
<i>colhiam</i>	0	1
<i>conselheiros</i>	0	2
<i>conselho</i>	0	6
<i>debulha</i>	0	2
<i>desfolha</i>	0	1

<i>detalhe</i>	0	2
<i>detalhes</i>	0	4
<i>embrulho</i>	0	3
<i>embrulhou</i>	0	1
<i>emparelhado</i>	1	1
<i>empilho</i>	1	1
<i>enfolhada</i>	0	1
<i>entulho</i>	0	1
<i>envelhecida</i>	0	1
<i>ervilha</i>	0	1
<i>escolha</i>	0	3
<i>escolhe</i>	0	3
<i>escolhendo</i>	0	1
<i>escolher</i>	0	6
<i>escolheu</i>	0	7
<i>escolhi</i>	0	1
<i>escolhia</i>	0	1
<i>escolhiam</i>	0	1
<i>escolhida</i>	0	2
<i>escolhidinho</i>	0	1
<i>escolhido</i>	1	2
<i>escolho</i>	0	2
<i>espadilha</i>	4	4
<i>espalhados</i>	0	1
<i>espelhada</i>	0	1
<i>espelhar</i>	0	1
<i>espelharia</i>	0	1
<i>espelinhos</i>	0	2
<i>espelho</i>	0	5
<i>espelhos</i>	0	1
<i>estraçalhada</i>	0	1
<i>fagulha</i>	0	1
<i>falha</i>	0	1
<i>farroupilha</i>	0	1
<i>fervilhando</i>	0	1
<i>filha</i>	0	38
<i>filhas</i>	0	7
<i>filho</i>	3	87
<i>filhos</i>	0	42
<i>filhote</i>	5	6
<i>filhotinho</i>	3	3
<i>filhotinhos</i>	0	1
<i>folha</i>	2	26
<i>folhe</i>	0	1
<i>folhear</i>	0	2
<i>folhinha</i>	1	1
<i>folhinhas</i>	0	1

<i>galho</i>	0	2
<i>galhos</i>	0	2
<i>Guarulhos</i>	0	3
<i>guilhotina</i>	0	5
<i>humilhante</i>	0	2
<i>joalheria</i>	0	1
<i>joelheiras</i>	0	1
<i>joelho</i>	0	3
<i>julho</i>	0	6
<i>lhe</i>	0	1
<i>Magalhães</i>	0	4
<i>malhação</i>	0	1
<i>manilha</i>	9	10
<i>maravilha</i>	0	4
<i>maravilhada</i>	0	1
<i>maravilhosa</i>	0	11
<i>maravilhosamente</i>	0	1
<i>maravilhosas</i>	0	1
<i>maravilhoso</i>	0	10
<i>medalha</i>	0	3
<i>melhor</i>	10	56
<i>melhora</i>	0	1
<i>melhorado</i>	0	1
<i>melhorando</i>	0	2
<i>melhorar</i>	0	14
<i>melhorava</i>	0	1
<i>melhorei</i>	0	1
<i>melhores</i>	0	1
<i>melhores</i>	0	2
<i>melhorias</i>	0	3
<i>melhorou</i>	0	1
<i>melhorzinhos</i>	0	1
<i>mergulha</i>	0	1
<i>milho</i>	7	20
<i>milhões</i>	0	6
<i>molha</i>	0	2
<i>molhada</i>	0	2
<i>molhadinho</i>	0	2
<i>molhados</i>	0	1
<i>molhando</i>	0	1
<i>molhinho</i>	0	2
<i>molho</i>	1	18
<i>mulher</i>	9	78
<i>mulheres</i>	0	12
<i>olha</i>	14	127
<i>olhada</i>	0	3
<i>olhamos</i>	0	1
<i>olhando</i>	2	10
<i>olhar</i>	2	14

<i>olharam</i>	0	2
<i>olhava</i>	0	9
<i>olhei</i>	3	10
<i>olhinho</i>	0	1
<i>olhinhos</i>	0	1
<i>olho</i>	2	12
<i>olhos</i>	0	6
<i>olhou</i>	2	9
<i>orelha</i>	1	3
<i>orelhão</i>	0	1
<i>orelhudo</i>	0	1
<i>orgulho</i>	0	2
<i>orgulhoso</i>	0	1
<i>palhaço</i>	0	1
<i>palheta</i>	0	2
<i>pilha</i>	0	2
<i>quadrilha</i>	0	3
<i>recolher</i>	0	2
<i>recolheu</i>	0	1
<i>recolhia</i>	0	1
<i>recolhimento</i>	0	1
<i>repolho</i>	0	7
<i>retalho</i>	0	1
<i>semelhantes</i>	0	1
<i>serralheira</i>	0	1
<i>sobrancelha</i>	0	1
<i>talha</i>	3	5
<i>talhou</i>	0	1
<i>telha</i>	2	4
<i>telhado</i>	0	4
<i>telhados</i>	0	1
<i>telhas</i>	0	3
<i>toalha</i>	0	2
<i>toalhas</i>	0	1
<i>trabalha</i>	7	40
<i>trabalhadeira</i>	0	1
<i>trabalhado</i>	0	3
<i>trabalhador</i>	0	1
<i>trabalham</i>	0	12
<i>trabalhamos</i>	0	3
<i>trabalhando</i>	6	33
<i>trabalhar</i>	13	83
<i>trabalhasse</i>	0	1
<i>trabalhava</i>	14	56
<i>trabalhavam</i>	0	3
<i>trabalhávamos</i>	0	1
<i>trabalhei</i>	5	21
<i>trabalho</i>	0	76
<i>trabalhos</i>	0	6

<i>trabalhosa</i>	0	3
<i>trabalhoso</i>	0	1
<i>trabalhou</i>	0	5
<i>tralha</i>	0	1
<i>trapalhada</i>	0	1
<i>trilho</i>	0	2
<i>vasilha</i>	0	3
<i>vasilhas</i>	0	1
<i>vasilhinha</i>	0	1

<i>velha</i>	3	7
<i>velho</i>	2	30
<i>velhos</i>	0	4
<i>vermelha</i>	2	10
<i>vermelhão</i>	0	1
<i>vermelhinho</i>	0	1
<i>vermelho</i>	2	12
<i>vermelhos</i>	0	3
Total	157	1.427

APÊNDICE B

• CROSS TABULATION • 18/09/2024 10:42:42
 • Cell file: VITORIATCC.cel
 • 18/09/2024 10:40:37
 • Token file: VITORIATCC.tkn
 • Conditions: VITORIATCC.cnd

Group #1 -- horizontally.
 Group #3 -- vertically.

	M	%	F	%	Σ	%
F 1:	149	50:	5	2	154	27
0:	148	50:	264	98	412	73
Σ:	297	:	269		566	
S 1:	3	1:	0	0	3	0
0:	333	99:	525	100	858	100
Σ:	336	:	525		861	
Σ 1:	152	24:	5	1	157	11
0:	481	76:	789	99	1270	89
Σ:	633	:	794		1427	